

Instrução de Leitura Baseada em Evidência para Indivíduos com Transtorno do Espectro Autista

Evidence-Based Reading Instruction for Individuals With Autism Spectrum Disorder

Focus on Autism and Other Developmental Disabilities Volume 24 Nº1, Publicado em Março de 2009

Kelly J. Whalon

Stephanie Al Otaiba

Monica E. Delano

Resumido por Rebeca Costa e Silva

Revisado por Mariana Serrajordia Lopes

Em geral, as evidências de muitos estudos sobre as habilidades de leitura de crianças com Transtornos do Espectro Autista (TEA) descrevem essas crianças tendo mais facilidade em decodificar, ao mesmo tempo em que têm mais dificuldade na compreensão de linguagem e leitura. Em um estudo com 280 crianças com TEA, todas as que tinham QI na média e metade das que tinham QI abaixo de 80 alcançaram desempenho médio em avaliações de decodificação e ortografia. Em relação à compreensão, somente as crianças com QI médio conseguiram alcançar desempenho médio e todas as crianças, independentemente do QI, demonstram dificuldade com compreensão da linguagem. Outro estudo demonstrou um aspecto interessante: em uma amostra de sujeitos abrangendo a extensão do espectro autista (crianças com autismo, Transtornos Global do Desenvolvimento Não Especificados e Síndrome de Asperger) houve discrepâncias e variabilidade nas habilidades de leitura dos sujeitos, sendo que uns foram muito além do esperado e outros não conseguiram completar todas as tarefas das avaliações, o que sugere cautela na interpretação da média dos resultados de avaliações das habilidades de leitura de crianças no espectro autista.

Os autores falam do No Child Left Behind Act (lei ?Nenhuma Criança Será Deixada para Trás) de 2001 [EUA] e o Individuals with Disabilities Education Improvement Act (lei de Aprimoramento da Educação de Indivíduos com Deficiências) de 2004 [EUA], que determinam que todas as crianças, inclusive aquelas com TEA, sejam ensinadas de modo consistente e de acordo com as evidências científicas sobre o processo de aprendizado da leitura.

Mais especificamente, o Painel Nacional de Leitura (do Instituto de Desenvolvimento Humano e da Saúde da Criança, EUA) concluiu que todos os alunos devem receber instruções explícitas e sistemáticas sobre a leitura na sala de aula, abordando os cinco componentes essenciais de leitura:

Componente	Definição
Consciência Fonêmica	Reconhecer e manipular as palavras proferidas na linguagem
Fonética	Entender a relação entre som e letra na leitura e ortografia

Leitura Oral, Fluência	Ler o texto com presteza, precisão e expressão
Vocabulário	Compreender as palavras lidas ligando-as ao vocabulário oral
Estratégias para Compreensão	Ter consciência dos processos cognitivos envolvidos na leitura

Mesmo as intervenções com estes cinco componentes sendo efetivas na prevenção ou remediação das dificuldades de leitura para a maioria das crianças, nenhum estudo tem investigado esta efetividade com crianças com TEA. Até o momento da publicação deste artigo, não havia revisões sobre este assunto. Por isso, o objetivo desta revisão ?é examinar os efeitos destas intervenções com estes componentes e componentes visuais em crianças com TEA na idade escolar?.

Os critérios para seleção de estudos utilizados nesta revisão foram:

- a) ter sido publicado em um periódico revisado por pares*
- b) incluir um ou mais participantes na idade escolar (5-18 anos) identificados como tendo TEA (Autismo, Transtorno Global do Desenvolvimento Não Especificado ou Síndrome de Asperger)*
- c) descrever pesquisas que testaram a eficácia das intervenções nas habilidades relacionadas a códigos e/ou relacionadas a significado como é definido pelo Painel Nacional de Leitura.*

Foram obtidos 11 estudos de acordo com o critério estabelecido; destes, quatro direcionaram-se a habilidades relacionadas a códigos, cinco a habilidades relacionadas a significado e os dois restantes abordaram ambas as habilidades. Um total de 61 crianças participaram destes estudos, 44 (72%) com autismo, 7 (12%) com Síndrome de Asperger, 5 (8%) com autismo com alto nível de funcionamento (AANF) e 5 (8%) com Transtornos Globais do Desenvolvimento. Suas idades eram de 4 a 17 anos.

Todos os estudos com enfoque em código incluíram o aprendizado com assistência de um computador. Também tinha um modelo de avaliação pré- e pós intervenção.

Os autores destes estudos relataram que houve melhora em todos os cinco componentes e ainda sugerem que as habilidades de consciência fonêmica e/ou fonética são independentes do QI.

No que diz respeito aos estudos que enfocaram o significado, três dos cinco estudos usaram estratégias de cooperação no grupo enquanto o restante usou uma abordagem individualizada (um profissional para cada aluno). De modo geral foram observados efeitos positivos nas habilidades gerais de leitura, porém houve certa discordância entre os professores quanto à inferência dos alunos (isto quer dizer que alguns professores acharam que os alunos realizaram inferências no processo de aprendizagem, e outros professores não concordaram). Além disso, questionou-se se nas avaliações ocorreria a generalização do que foi aprendido. Os resultados destes estudos também demonstraram outro benefício: na leitura interativa e nas tarefas cooperativas há uma possibilidade de melhora das habilidades sociais ou de interação social.

Ao analisarem estes estudos, os autores observaram que os dois tipos de enfoques de habilidades obtiveram êxito na parte mais literal e concreta da leitura, por exemplo, reconhecimento de palavras, leitura, fonética, dentre outros. Porém, mesmo tendo até em alguns casos uma leitura boa neste aspecto, a compreensão da leitura é comprometida. Ou seja, há uma desarmonia entre estes aspectos da leitura.

É necessário trabalhar ambas as habilidades como processo de aprendizado da leitura, e não separadamente como muitos o fazem, especialmente quando se trata de alunos com TEA. Integrando estes dois focos, estes alunos podem conseguir ter uma compreensão do texto melhor.

Os estudos revisados são preliminares; faz-se necessário que os pesquisadores elaborem e avaliem intervenções de leitura eficazes para as necessidades dos alunos com TEA.

Além da necessidade de pesquisa sobre intervenções que melhorem as habilidades de leitura em alunos com TEA, é necessário que os educadores ponham em prática o que já se conhece em termos de intervenções, porque estas evidências preliminares sugerem que tais intervenções realmente oferecem melhora na leitura dos alunos com TEA